

PORTA(DOR)A: ECOS DO FEMININO NAS RUAS DA CIDADE

PORTA(DOR)A: ECHOES OF THE FEMININE IN THE CITY STREETS

Inara Novaes Macedo
UFES

Resumo

O artigo explora a relação entre corpo, memória e feminino em um contexto de resistência. A autora compartilha sua experiência de resignificação do próprio corpo após um diagnóstico de endometriose, que intensificou sua escuta intuitiva e a potencialização dos processos criativos. A partir de uma série de trabalhos e rituais que têm como temas centrais o útero e a materialização de sonhos, a artista cria *Porta(dor)a*. A performance ocorreu durante o Ato #MariELASsim em tributo a Marielle Franco, onde participantes homenagearam mulheres em forma de escrita na pele da artista. A ação performativa simbolizou a interseção entre memória coletiva e individual, celebrando a resistência feminina em um contexto de opressão. Ao caminhar pelas ruas da cidade, a artista buscou experimentar e reconfigurar os espaços urbanos, utilizando o próprio corpo como um porta(dor) e transporta(dor) dessas vozes femininas.

Palavras-chave:

Performance; ritual; corpo; feminino; cidade.

Abstract

*This article examines the interplay of body, memory, and femininity within a context of resistance. The author reflects on a personal journey of reclaiming her body following an endometriosis diagnosis, which deepened her intuitive listening and enhanced her creative processes. Through a series of works and rituals centered on the themes of the uterus and the embodiment of dreams, the artist created *Porta(dor)a*. This performance, part of the #MariELASsim event honoring Marielle Franco, involved participants writing names of women on the artist's skin, symbolizing a convergence of collective and individual memory. Walking through city streets, the artist redefined urban spaces, using her body as both a carrier and transmitter of feminine voices, celebrating female resilience amidst oppression.*

Keywords:

Performance; ritual; body; femininity; city.

ESCUTA INTUITIVA COMO GATILHO PERFORMATIVO - CONTEXTUALIZANDO O CORPO-SUPORTE

Desde a infância, os sonhos sempre desempenharam um papel significativo em minha vida, frequentemente manifestando-se de forma premonitória ou simbólica. A água, elemento recorrente nesses sonhos, deixava sensações físicas que reverberavam por dias. Ao longo do meu percurso como artista, essa conexão com o corpo foi se intensificando, e desenvolvi uma escuta cuidadosa das suas sutilezas, especialmente ao integrar a intuição e a materialidade dos sonhos aos meus processos criativos.

Essa trajetória ganhou uma nova dimensão após o diagnóstico de endometriose. A doença, ao exigir uma reconexão profunda com o corpo durante a recuperação pós-cirúrgica, me levou a uma nova escuta - agora ainda mais aguçada - e a uma reconexão com o feminino. Abandonar o anticoncepcional e optar por um tratamento alternativo natural me permitiu conhecer as fases do meu ciclo, redescobrimo aspectos da minha corporeidade que estavam adormecidos. Esse processo de reconexão corporal ressoou diretamente com minha relação íntima com os sonhos e a água, trazendo novas camadas de significado e inspiração para meu trabalho artístico. Assim, tanto os sonhos quanto as experiências físicas tornaram-se fontes essenciais de criação, convocando-me a redescobrir a potência de ser artista e mulher, de forma integrada e fluida.

Essa reconexão com o corpo, intensificada após o diagnóstico de endometriose e a descoberta das fases do meu ciclo, trouxe à tona questões

mais profundas sobre a fertilidade e o feminino. Em um dos sonhos que marcaram esse processo, visualizei pequenos ovinhos grudados em minha testa. A sensação perturbadora que se seguiu reverberou em meu corpo por dias, refletindo uma tensão latente. A partir dessa experiência, senti a necessidade de transformar o desconforto em ação criativa e ritualística.

Decidi, então, realizar um ritual que simbolizasse essa vivência onírica em forma de performance. Colei pérolas em minha testa, representando os ovinhos do sonho, e iniciei um processo de remoção ritualística, transferindo cada pérola da testa para a barriga, como se buscasse, simbolicamente, uma cura ou transmutação da energia retida em meu corpo. Após algum tempo, retirei todas as pérolas e as coloquei em um recipiente com água, o elemento que sempre permeou meus sonhos e experiências. Mais tarde, plantei essas pérolas, um gesto que representava não apenas a fertilidade, mas também o ciclo de transformação e renascimento.

Esse ritual foi documentado fotograficamente, resultando em uma série de foto-performances que capturam a intersecção entre corpo, fertilidade, cura e o poder transformador do gesto simbólico. A performance emergiu como um diálogo entre corpo, doença e intuição, onde a ação artística se configurou como um espaço de ressignificação da experiência pessoal. Assim, o processo criativo que nasceu das redescobertas corporais e dos sonhos integrou a endometriose e sua carga simbólica como parte essencial do meu percurso artístico, estabelecendo uma ponte entre a dor, a cura e a criação.

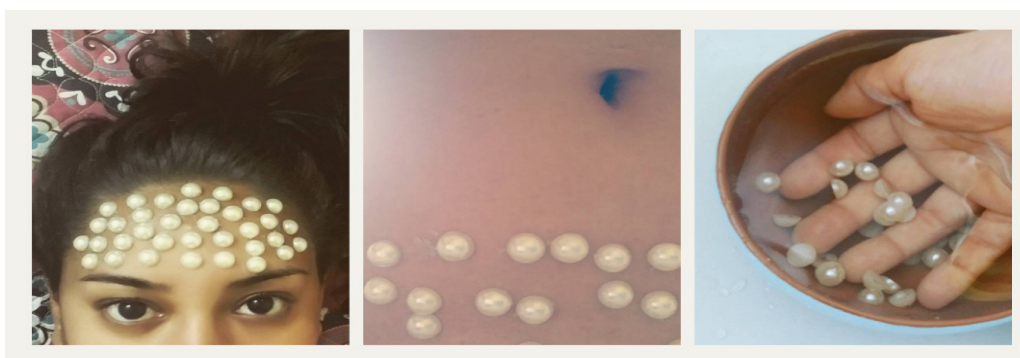


Figura 1 - *Ritual de expurgação - sonho 5* (2016).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Além desse trabalho, desenvolvi outras obras que exploram as interseções entre o corpo, o feminino e a memória, entre outros temas. Dentro desse processo, realizei uma série de experimentos com pintura, desenho, colagem e outras técnicas, centrando-me na relação simbólica entre o útero e o universo.



Figura 2 - *Eu tenho o universo dentro de mim* (2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

MARIELLE

No dia 14 de março de 2018, após cumprir uma agenda na Casa das Pretas, no Centro do Rio de Janeiro, a socióloga e vereadora Marielle Franco foi brutalmente assassinada com três tiros na cabeça e um no pescoço (Relembre..., 2024). O caso teve repercussão nacional e internacional, impactando profundamente diferentes grupos sociais e representantes femininas na política.

De acordo com Jackeline Romio (2017, p. 53), o Brasil se encontra no quadro transnacional do fenômeno dos feminicídios e a liderança política de Marielle não a impediu de ser mais uma vítima desse quadro. Pelo contrário, por ser uma defensora incansável das populações marginalizadas, especialmente as mulheres negras, comunidades LGBTQIA+ e moradores de favelas, o assassinato de Marielle nos revela uma crescente ainda mais específica, que Renata Souza (2020) denomina como Feminicídio Político:

O patriarcado deixou o legado de invisibilização das mulheres em vida e em morte. E não seria diferente com aquelas que ousaram e ousam estar na linha de frente da política, seja esta institucional ou não. O feminicídio político traz consigo uma das faces mais cruéis da vulnerabilidade da mulher na vida política (Souza, 2020, p. 127).

Segundo Angela Davis (2016, p. 102), em *Mulheres, Raça e Classe*, o racismo e o sexismo estão entrelaçados, afetando a forma como mulheres negras como Marielle são tratadas nas esferas pública e privada. Davis argumenta que a marginalização dessas mulheres é reforçada por uma estrutura de poder que perpetua desigualdades tanto raciais quanto de gênero.

Marielle Franco era mulher, preta, lésbica, de esquerda e de origem periférica, representava assim diferentes grupos e lutas de classe. Nesse bojo de identidades minoritárias, há uma interseccionalidade (Relembre..., 2024) que explora diferentes formas de opressão - como racismo, sexismo, homofobia - que se sobrepõem e criam experiências de discriminação mais complexas para mulheres negras e LGBTQIA+. Marielle Franco, como uma mulher negra, lésbica e política, estava na interseção dessas diferentes identidades e foi vítima de uma violência direcionada não apenas por seu papel como ativista, mas também por sua identidade. Ao colocar em pauta as vozes historicamente silenciadas, Marielle representava um feminismo que não se limita apenas à igualdade de gênero, mas que luta contra todas as formas de injustiça social.

O assassinato de Marielle gerou debates profundos sobre a violência política, o racismo estrutural e a misoginia no Brasil, funcionando como um lembrete doloroso da vulnerabilidade das mulheres negras na luta por justiça social. Esse crime evidencia a necessidade urgente de repensar as estruturas de poder que continuam a silenciá-las. A morte de Marielle e de tantas outras mulheres revela o quanto o corpo feminino ainda é alvo do patriarcado, que o vê como posse ou uma ameaça ao seu poder. No entanto, diante desse crime brutal, encontramos um certo alívio ao perceber que aqueles que desejavam silenciar Marielle agora terão que conviver com um dos maiores símbolos da luta pelos direitos humanos.



Figura 3 - Manifestantes do Ato #MariELASsim no Centro de Vitória (2018). Foto de Luiza Marcondes.

Fonte: Grupo..., 2019.

URBANIDADES DISSOLVIDAS E A VOZ DO INVISÍVEL: A PERFORMANCE *PORTA(DOR)A* NO ATO #MariELASsim

Após um ano da morte de Marielle, no coração de Vitória (ES), o Ato #MariELASsim e a Marcha do Dia Internacional das Mulheres transformaram as ruas da cidade em um espaço de reivindicação e memória. Este evento, que reuniu milhares de vozes femininas, ecoou em defesa dos direitos das mulheres e em homenagem à memória daquelas que, de alguma forma, moldaram a resistência feminina, como Marielle Franco, a socióloga e vereadora do Rio de Janeiro. A concentração das manifestantes teve início na Sede Administrativa da Defensoria Pública, na Avenida Jerônimo Monteiro, seguiu pelo Centro da capital e finalizou no Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas (MUCANE).

Como mulher, eu percebo cada vez mais o tipo de violência que passa despercebida. Eu sou estudante de psicologia e a maior parte da sala é de meninas e quando vejo os professores a maioria é de homens. A gente naturalizou demais o machismo e a gente só concorda com essas coisas que acontecem com a gente. Assédio, diferença salarial (Grupo..., 2019).

Entre gritos, faixas e corpos em movimento, o espaço urbano se diluiu em um território simbólico, onde histórias e vivências de mulheres se entrelaçavam com a geografia da cidade.

A marcha não apenas ocupou fisicamente as ruas, mas também ativou um campo simbólico de disputa pela memória e presença feminina na esfera pública. Mulheres de diferentes trajetórias de vida, muitas das quais com feridas ainda abertas pela perda de entes queridos, caminharam juntas, reafirmando a importância de manter vivas as lembranças de suas antecessoras. Nesse contexto, a cidade de Vitória foi palco de um encontro entre urbanidade e memória, onde o espaço se converteu em uma arena para a expressão de lutas que transcendem o tempo e a materialidade urbana.

Foi nesse cenário que ocorreu minha performance intitulada *Porta(dor)a*, integrando-se aos meus processos criativos que exploram a relação entre corpo, feminino e memória. Inspirada pela potência coletiva do ato e pela necessidade de dar visibilidade a essas mulheres que já se foram, ofereci meu corpo como um suporte para que as participantes pudessem escrever os nomes de mulheres que admiravam e que já não estavam mais presentes. Esse gesto simbólico não apenas

ressignificou a dor da perda, mas também estabeleceu uma conexão profunda com o que significa ser mulher em um contexto de opressão, revelando a força e a resistência que permeiam nossos corpos e histórias.

PORTA(DOR)A: PERFORMANCE E MEMÓRIA COLETIVA NO ESPAÇO URBANO

A performance *Porta(dor)a* nasceu de uma necessidade visceral de expurgar e compartilhar a dor. Não se tratava de um luto solitário, mas de um desejo profundo de recolher, acolher e compartilhar as dores de outras mulheres. Naquele dia, saí de casa para o Ato #MariELASsim com o coração carregado, mas sem contar a ninguém sobre o que pretendia fazer. A performance emergiu como uma resposta ao chamado coletivo daquele momento, mas também como um grito silencioso de conexão com o feminino, que se entrelaçava com meus processos criativos anteriores de ressignificação do corpo. Dessa forma, *Porta(dor)a* revelava a intersecção entre memória coletiva e individual, transformando o corpo em um lugar de resistência e celebração.



Figura 4 - Performance *Porta(dor)a* (2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao chegar ao ato, ofereci meu corpo às mulheres presentes. Orientei que escrevessem sobre minha pele os nomes de outras mulheres que admiram mulheres que haviam partido, que haviam sofrido ou deixado marcas em suas vidas. A princípio, era uma ação simples, mas carregada de significado. E não demorou muito para que as mulheres começassem a se aproximar. Uma a uma, elas escreviam, algumas emocionadas, outras em silêncio. Não só nomes foram inscritos, algumas deixaram suas próprias dores impressas em minha pele, como se a escrita fosse uma forma de liberar o sofrimento. Essa participação foi fundamental para que a performance se realizasse, pois, corroborando com Regina Melin (2008), entendemos “o ato (do artista) como ativador de outros atos (dos participantes), endereçando de imediato a noção de obra como proposição ou como instrução” (Melin, 2008, p. 57).



Figura 5 - Performance *Porta(dor)a* (2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Meu corpo logo se transformou em um espaço de memória, tomado por nomes de mulheres extraordinárias. Carregava a história de cada uma delas, inscrita em letras que, ao toque da pele, transmitiam algo muito além de palavras. Caminhei, então, por entre as participantes, carregando essas mulheres em meu corpo, como se as estivesse segurando no colo, levando comigo suas dores, suas lutas, suas existências. A sensação era avassaladora. Senti cada nome gravado na carne, como se eles me contassem suas histórias

silenciosas. Doía, mas era uma dor transformadora, como se a presença dessas mulheres, mesmo em ausência, tivesse se materializado em mim.

Esse espaço de performance possibilitou o encontro entre artista, obra e espectador,¹

[...] ampliando, portanto, a noção de performance como um procedimento que se prolonga também no espectador. Além disso, uma tentativa constante de vislumbrar uma obra como deflagradora de um movimento participativo e que existe não como obra pronta, fechada em si como materialidade silenciosa, mas como superfície aberta e distributiva (Melin, 2008, p. 61).

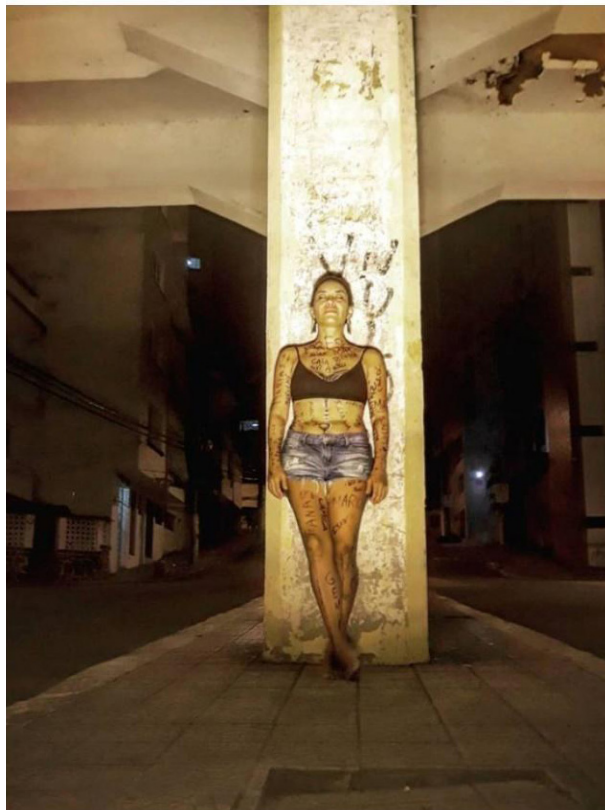


Figura 6 - Performance *Porta(dor)a*. Caminhando pela cidade (2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Durante a performance, caminhei pelas ruas da cidade de Vitória, experienciando formas do corpo e o próprio corpo, em lugares carregados de significados. Cada parada parecia amplificar a potência daquela ação, como se o espaço urbano se abrisse para acolher as histórias que meu corpo carregava.

A errância urbana pode ser pensada como um estado de corpo ou um estado de espírito que experimenta a cidade a partir de vários sentidos através de caminhadas, deslocamentos e percursos. Esse “tipo urbano” é definido por três características: perder-se, a lentidão e a corporeidade. A ideia da perda tem a ver com uma certa desorientação provocada que se desconecta dos mapas projetados. A lentidão significa a negação da velocidade no mundo contemporâneo, mas não necessariamente é o oposto da rapidez, é uma outra forma de movimento que inclui o estar parado. A corporeidade reflete a contaminação corporal entre o corpo físico e do corpo da cidade (Nascimento, 2016, p. 5).

Essas etapas foram essenciais para decantar as sensações causadas pelos manuscritos afetivos integrados ao corpo como um conjunto de vozes que tanto tinham a dizer. As vozes, de mulheres “portadoras” de memórias e das mulheres celebradas, por sua relevância social e afetiva, puderam ecoar por meio do corpo nos percursos da cidade.

Ao final, quando a performance parecia já ter encerrado seu ciclo, a chuva chegou. Uma chuva intensa, inesperada, quase divina. Aproveitei aquele momento como uma purificação. As gotas de água lavaram meu corpo, levando consigo as dores, as memórias, as histórias que carreguei. A dor foi embora com a água, mas as histórias permanecem em mim, não mais como fardos, mas como sementes.

Ao permitir que as participantes escrevessem os nomes de mulheres que admiravam em meu corpo, amplifiquei a narrativa da dor e da luta, criando um elo entre o passado e o presente. Essa experiência, que começou como um gesto pessoal, se expandiu para um espaço de urbanidade dissolvida e reconstruída, onde o corpo, o espaço e as memórias se entrelaçaram em uma nova cartografia do feminino. Esse gesto ressoou com as experiências de luta e resistência que permeiam nossas vidas, conectando a memória de Marielle e de tantas outras mulheres que, embora ausentes fisicamente, continuam a influenciar e inspirar a luta por justiça social. Ao ocupar o espaço urbano com a memória coletiva, a performance destaca a importância de reconhecer as contribuições e as lutas de todas as mulheres, mesmo aquelas que não estão mais presentes fisicamente. Assim, trazer à tona as histórias de mulheres que frequentemente são invisibilizadas nesse espaço urbano e simbólico.



Figura 7 - Performance *Porta(dor)a* (2018). Montagem feita pela autora.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

GRUPO faz ato pelo Dia Internacional da Mulher no Centro de Vitória. **G1**, Espírito Santo, 8 mar. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/03/08/grupo-faz-ato-pelo-dia-internacional-da-mulher-no-centro-de-vitoria.html>>. Acesso em: 1 out. 2019.

MELIN, Regina. **Performance nas Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**, n.19, p. 10, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/3316>>. Acesso em: 1 out. 2024.

RELEMBRE o assassinato de Marielle Franco e entenda por que investigação demorou seis anos. **Estadão**, São Paulo, 24 de março de 2024. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/>

politica/relembre-assassinato-vereadora-marielle-franco-entenda-investigacao-demorou-seis-anos-nprp>. Acesso em: 1 out. 2024.

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. **Feminicídios no Brasil, uma proposta de análise com dados do setor de saúde**. Tese (Doutorado em Demografia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/988584>>. Acesso em: 20 out. 2024.

SOUZA, Renata. Feminicídio político: um estudo sobre a vida e a morte de Marielles. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v.6, n.2, p. 119-133, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/42037>>. Acesso em: 15 out. 2024.

Notas

¹ Segundo Regina Melin (2008, p. 61), a performance surge do encontro do espectador com a obra-proposição.

SOBRE A AUTORA

Inara Novaes Macedo é artista-multilinguagem, com experiência nas áreas de artes visuais, música, cultura e educação. Doutoranda e mestra em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com graduação em Artes Plásticas e Visuais pela mesma instituição. Possui pós-graduação em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas (UnB) e qualificação profissional em Dança Contemporânea (FAFI). E-mail: inaranovaes@gmail.com

Recebido em: 25/10/2024

Aprovado em: 30/03/2025